

O impacto das novas tecnologias: mais um mito da pós-modernidade

Manoel Marcondes Machado Neto

Vivemos sob a égide da Era da Informação. Fenômenos como a globalização de mercados, a INTERNET e o tempo real em que funcionam os mercados financeiros 24 horas por dia, planetariamente, são aspectos dessa nova era.

Outros fatores concorrem para esta constatação, como a expansão da telefonia via satélite, a TV digital interativa, os *computer integrated systems* que ligam diretamente as empresas, suprimindo papéis profissionais em compras e vendas e, finalmente, a exportação pelos centros industriais, não mais de produtos, mas de indústrias inteiras, percorrendo a via de mão dupla da globalização, a regionalização de mercados como o NAFTA, a União Européia e o MERCOSUL.

Daniel Bell, sociólogo norte-americano, em sua obra *O Advento da Sociedade Pós-Industrial*, analisou a Economia do pós-guerra e batizou o campo então emergente dos *soft services* de setor quaternário, destacando do tradicional setor terciário de comércio e serviços, as atividades de ponta como telecomunicações, finanças, entretenimento/indústria cultural – veículos da hoje dita pós-modernidade, onde o velho e o novo, o clássico e a vanguarda, o bom gosto e o *kitsch* se fundem numa noção de transculturalismo e computadores.

Hoje, nos países desenvolvidos, leia-se G-7, o setor quaternário detém mais postos de trabalhos que os outros setores juntos. A Educação, também incluída naquele setor, é o objeto central da presente especulação sobre tendências: como está sendo afetada a Educação pela Era da Informação? Voltemo-nos a um autor fundamental, David Berlo e sua obra *O Processo da Comunicação*, em que postula para a Comunicação quatro funções: informar, persuadir, divertir e educar.

Detendo-nos no dia-a-dia de nossos jovens, constatamos a influência majoritária e crescente da Comunicação. Hábitos, mais rápido que nunca, estão sendo adquiridos em rede, via TV, cinema e *software*. Assim, em

detrimento da escola formal, para a maioria dos indivíduos um equipamento arcaico e desestimulante, **estudar** vai perdendo espaço para **processos** muito mais excitantes de absorção (consciente, subconsciente e inconsciente), onde se auto-educam; informando-se, deixando-se persuadir e divertindo-se, principalmente. Aquelas funções da Comunicação se superpõem e ao fim e ao cabo do processo não mais se consegue distinguir se determinada mensagem persuade informando, informa persuadindo, persuade divertindo, educa persuadindo.

Falando em mensagem e em novas tecnologias não podemos deixar de citar McLuhan, teórico canadense que, depois de um período de “congelamento” deliberado no meio acadêmico, encontra-se absolutamente atual, especialmente no que toca ao caso do Brasil, com sua permissiva legislação para com os meios de Comunicação eletrônica, onde uma única rede de televisão comercial, um Leviatã de 80 milhões de “audientes” diários, cativa, dita padrões de comportamento, constrói mitos e destrói reputações na velocidade da fama de que nos falou Andy Warhol (Vide Bagdikian).

McLuhan, já na década de 60, com seu conceito hoje novamente em voga, de **aldeia global**, alertava-nos para os efeitos de meios (ditos por ele) **frios** de comunicação, como a TV, e que podemos estender ao atual CD-ROM, do meio sobre a mensagem e sobre a impossibilidade de *feed-back* e de fabulação. E a Educação? E a Cultura? Por quais desafios passarão nesta virada do milênio? Propomos algumas questões: a migração dos investimentos da esfera pública para a privada, tendência quase universal de neo-liberalismo econômico, a dar-se sobre as Universidades (a exemplo do que já ocorreu com o ensino de primeiro e segundo graus) tornaria mais aguda a concentração de recursos – agora não mais somente os financeiros, mas também os intelectuais. Nosso nível superior encontra-se diante desse dilema. Vejamos que as empresas ainda dão preferência aos egressos de cursos públicos em relação aos particulares. Mas até quando? Como resistir ao sucateamento da Universidade pública, em oposição aos

maciços investimentos aplicados pelas mantenedoras do ensino privado? Concorre ainda a desregulamentação das profissões hoje ditas de nível superior. Iniciativas como as da Andersen Consulting, que mantém em Saint Charles, Estados Unidos, um centro de educação profissional com capacidade diária para milhares de alunos de todo o mundo, faceta importante de suas práticas (e de seus investimentos em pessoal), são uma tendência inexorável, visto que a academia tradicional não vem conseguindo acompanhar a dinâmica das necessidades do meio empresarial, em que os egressos da Universidade pretendem engajar-se.

O que se espera hoje, para usar um termo atual, do *people ware*, ou capital humano? Profissionais executivos com visão macroscópica, holística de negócios e não somente de sua especialidade, e, mais importante, habilidade na tomada de decisões, sensibilidade no trato com pessoas (liderança e motivação), senso de empreendimento (*entrepreneurial skills*) e domínio da tecnologia da informação hoje residente nos micros pessoais e nas redes. Junte-se a isso tudo o domínio de idiomas comercialmente utilizados (vide os mercados regionais – com a crescente importância do Espanhol para nós, por exemplo – e a recente desistência do exame de Francês pelo Itamaraty) e a atualização em termos de informação tecnológica, política, social, de costumes, de consumo, o que implica em investimento na apropriação dos *media*. Há que informar-se.

A academia se reengendra ou morre. Recorramos ao conceito de sistema fechado, sem troca com o meio ambiente, de que nos fala Bertalanffy em sua teoria geral dos sistemas. Este é o risco que corre a nossa Universidade tradicional, em que as ementas das disciplinas são copiadas ano após ano e os cursos ministrados burocraticamente. Ao aluno que ingressa nas melhores escolas resta unicamente o prêmio do vestibular suplantado. Depois disso virá o diploma, por osmose, sem peso.

Algumas especulações:

Internet

Até mesmo a *Microsoft*, de Bill Gates,

vem se rendendo à rede, que parece ser mesmo a *information superhighway* decantada pelos *experts*, vide *A Vida Digital*, de Nicholas Negroponte, do MediaLab, MIT. Esta rede, nascida no meio acadêmico, vem crescendo de forma inusitada e colocando já à disposição do mundo dos negócios um meio instantâneo de transacionar. Os problemas de segurança a que se referiam seus detratores – na verdade interessados em monopolizar uma *infobahn* particular e cobrada, diferente da praticamente gratuita Internet – são necessidades técnicas já superadas, vide a entrada do Bradesco na rede.

Universidade Virtual

Talvez o conceito mais próximo do futuro a que podemos chegar com os dados de realidade hoje disponíveis. Funções como seleção, ingresso/matriculação, escolha de créditos de curso e atividades programadas e, ainda, entrega de tarefas e avaliação à distância – dispensando deslocamentos e altos investimentos em sedes físicas/instalações prediais e sua respectiva manutenção, são plenamente exequíveis. Com a **interatividade**, cada aluno teria acesso ao professor, independente de onde ambos estivessem, conquistando-se até uma relação mais individualizada do que a existente hoje, em que há turmas de até 100

alunos. Algo mais próximo do que ocorre hoje nos programas de doutorado, onde a figura proeminente na relação do aluno com a instituição é a do professor-orientador, seria o objetivo.

Como exemplo de algumas tendências de modernização já postas em prática aqui e ali, no Brasil temos: na USP, todo o sistema de bibliotecas e acesso a informações de referência já se encontra à disposição em CD-ROM. Além disso, um banco de dados, apelidado de DEDALUS, coloca o usuário em contato com os títulos disponíveis em um meio de consulta *on-line* e *user friendly*, para toda a Universidade de São Paulo, a UNICAMP e UNESP, além de redes latino-americanas, como o PORTDATA.

No Rio de Janeiro, diversas instituições iniciam, experimentalmente, atividades de ensino à distância, com significativos investimentos. Esse tipo de projeto já comprovou resultados no projeto conjunto Fundação Padre Anchieta/Fundação Roberto Marinho dos telecursos de primeiro e segundo grau, agora relançados, totalmente remodelados no Telecurso 2000, em parceria da mesma FRM com o Sistema FIESP/CIESP.

Responsabilidade

As corporações, as universidades e, de resto, toda a sociedade civil, devem se inte-

ressar pelo futuro da Educação, envolvendo-se nesta questão absolutamente estratégica em tempos de concorrência radical. A Educação é a base do desenvolvimento social.

Manoel Marcondes Machado Neto

• *Bacharel e mestre em Comunicação, é professor assistente da FCS/UERJ e doutorando da Escola de Comunicações da USP. Atuou como consultor senior pela Andersen Consulting, tendo cursado três escolas no Saint Charles Center for Professional Education, em Chicago, EUA, de onde retornou especialista em análise de sistemas e métodos.*

Nota

Palestra proferida nos Seminários "O INFOCOSM E O MUNDO VIRTUAL", promovidos pela Andersen Consulting, que reuniram, no Rio de Janeiro, a 12/09/95 e em São Paulo, a 13/09/95, ex-consultores de seus quadros, hoje em diversas áreas como: Banking, Varejo, Marketing, Imprensa, Tecnologia e Educação para discutir o impacto das novas tecnologias em suas respectivas esferas de atuação.

Bibliografia

1. BAGDIKIAN, B.H. O Monopólio da Mídia. *Scritta*, São Paulo. 1990. 294p.
2. BELL, Daniel. O Advento da Sociedade Pós-Industrial. *Cultrix*, São Paulo. 1977. 540p.
3. BERTALLANFY, Ludwig von. Teoria Geral dos Sistemas. *Vozes*, Petrópolis. 1975. 351p.
4. BERLO, David K. O Progresso da Comunicação. *Martins Fontes*, São Paulo. 1985. 296p.
5. GATES, Bill. A Estrada do Futuro. *Companhia das Letras*, São Paulo. 1995. 347p.
6. IANNI, Octavio. Teorias da Globalização. *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro. 1995. 225p.
7. McLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. *Cultrix*, São Paulo. 1971. 407p.
8. NEGROPONTE, Nicholas. A Vida Digital. *Companhia das Letras*, São Paulo, 1995. 210p.
9. RECORDER, M.; ABADAL, E. and CODINA, L. Informação Eletrônica e Novas Tecnologias. *Summus*, São Paulo. 1995. 187p.

